

Música
10 Maio '09

Camerata Metropolitana

Orquestra Metropolitana de Lisboa
Concerto comentado por Alexandre Delgado

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Camerata Metropolitana
Maestro: Pedro Neves

Programa

Anton Webern (1883-1945)

Langsamer Satz (1905)

Transcrição de Gerard Schwarz

Edvard Grieg (1843-1907)

Do Tempo de Holberg, Suite para Cordas (1884-1885)

I. Prelúdio: *Allegro vivace*; II. Sarabanda: *Andante*

III. Gavota: *Allegretto* - Museta: *Poco più mosso* - Gavota

IV. Ária: *Andante religioso*; V. Rigodão: *Allegro con brio*

Samuel Barber (1910-1981)

Adagio para Cordas (1935-1936)

Benjamin Britten (1913-1976)

Simple Symphony (1934)

I. *Boisterous Bourrée*; II. *Playful Pizzicato*;

III. *Sentimental Saraband*; IV. *Frollicsome Finale*

Dom 10 de Maio · Grande Auditório · 11h00 · Dur. aprox. 1h15 · M6

Notas à margem por Alexandre Delgado

Anton Webern (Viena 1883 – Mittersill 1945) estaria longe de imaginar que o seu nome viria a ser arvorado como bandeira de cerebralismo vanguardista: nada podia estar mais longe do espírito contemplativo e próximo da natureza desse austriaco. A recusa de retórica e de ornamentação faz da sua obra o caso mais espantoso de concisão da história da música: toda reunida, dura pouco mais de três horas; certos trechos quase não ultrapassam os trinta segundos.

Webern teve as primeiras aulas de piano com a mãe e chegou a pensar tornar-se violoncelista; depois de cursar musicologia com Guido Adler na Universidade de Viena, em 1904 tornou-se aluno particular de Arnold Schönberg, à semelhança do seu colega Alban Berg. Este trio, que veio a ser conhecido como a “Segunda Escola de Viena” (por paralelo com a primeira, constituída por Haydn, Mozart e Beethoven), representou uma das correntes mais importantes da música do século XX: Schönberg, que deu o salto para a atonalidade em 1908 (na mesma altura em que Kandinsky se lançava na pintura abstracta), definiu em 1921 as novas regras do “método de composição com doze sons” ou sistema serial dodecafónico, que Webern e Berg partilhavam de forma muito pessoal.

Forçado durante boa parte da sua carreira a dirigir operetas (o que não deixa de ser irónico), Webern era pouco conhecido como compositor quando morreu aos 52 anos, alvejado por um soldado americano. Foi com fascínio que

a nova geração – a chamada “Escola de Darmstadt” de Boulez, Stockhausen e Nono – descobriu a sua música, usando-a como uma das fontes de inspiração do chamado “serialismo integral”.

O *Langsamer Satz* (Andamento Lento) que hoje ouviremos é uma obra de juventude que só foi publicada vinte anos depois da morte de Webern. Escrita em Junho de 1905, originalmente para quarteto de cordas, é uma forma-canção (ABA) ainda influenciada por Brahms, em dó menor, com grande riqueza polifónica e emotividade.

Edvard Grieg (Bergen 1843 – *idem* 1907) é o mais importante compositor norueguês e criou, nas últimas décadas do século XIX, um exemplo paradigmático do nacionalismo musical oitocentista. Começou a estudar piano com a mãe aos seis anos e em 1858 foi para Leipzig, cidade onde permanecia forte a marca deixada por Mendelssohn. Durante quatro anos estudou com Moscheles, Reinecke e Richter, mas regressou à Noruega com a sensação de ter aprendido pouco. Em 1863 foi para Copenhaga, onde criou um grupo intitulado Euterpe, em reacção contra a influência germânica. De regresso à Noruega, fez da arte nacional a sua batallha, tendo sido divulgado no estrangeiro graças a Liszt, a partir de 1870. Grande organizador da vida musical do seu país, fez carreira como maestro e pianista, com digressões numerosas, até à sua morte em 1907.

Grieg foi um audaz pesquisador de harmonias e atmosferas, tendo cultivado um “impressionismo” *avant la lettre* que influenciou Debussy e Ravel. Algumas inflexões melódicas e harmónicas,

inspiradas na música tradicional norueguesa, permanecem inconfundivelmente suas. Embora o contributo mais vasto de Grieg se tenha dado no domínio da música para piano, do *Lied* e da música de câmara, a celebridade do compositor repousa sobretudo em obras orquestrais como as suites *Peer Gynt* (escritas para a peça de Ibsen), o Concerto para Piano ou a presente *Suite Holberg*.

Esta obra foi escrita em 1844 por encomenda da cidade natal de Grieg (Bergen), para comemorar o bicentenário do nascimento de Ludvig Holberg, filósofo, escritor e humorista dinamarquês. Concebida originalmente para piano, Grieg depois fez a versão para orquestra de cordas desta obra que retoma o espírito da suite barroca de danças num delicioso *pastiche* romântico.

Samuel Barber (Westchester 1910 – Nova Iorque 1981) recebeu duas vezes o prémio Pulitzer e foi um dos mais premiados e aclamados compositores americanos do século XX, cuja celebridade internacional permanece ancorada no famoso *Adagio para Cordas* que hoje ouviremos. Aluno desde os 14 anos do Curtis Institute em Filadélfia, em 1928 Barber estabeleceu uma ligação, que duraria toda a sua vida, com o compositor Gian Carlo Menotti. Em 1936 recebeu o Prix de Rome americano e nesse mesmo ano estreou-se em Roma a sua 1.ª Sinfonia. A sua ópera *Vanessa* foi a primeira grande ópera americana a ser levada à cena no Metropolitan de Nova Iorque, em 1958, com grande êxito. Mais ambiciosa, a ópera *Anthony and Cleopatra*, encomendada para a inauguração do novo Lincoln Center e encenada por Zeffirelli em 1966, teve

menos sucesso. A vasta produção de Barber inclui duas sinfonias, três concertos, numerosas canções, obras corais e música de câmara. O compositor cultivou no geral um estilo pós-romântico de grande lirismo que, embora derivado da grande tradição europeia, se tornou parte dum certa imagem de marca norte-americana, diferente do americanismo mais “autóctone” dum Aaron Copland ou dum Leonard Bernstein.

O *Adagio para Cordas* surgiu como parte dum quarteto de cordas (op. 11 em si menor) que Barber compôs em 1936, perto de Salzburgo. Em 1938 o compositor fez a presente versão para orquestra de cordas, estreada no mesmo ano pela orquestra da NBC, sob a direcção de Arturo Toscanini. Um tema simples e despojado amplia-se e propaga-se pelas várias estantes, em espirais que se enredam até atingir um clímax cruciante, para depois regressar ao despojamento e ao silêncio. Por muito que Barber tenha sido acusado de conservadorismo, a verdade é que é difícil escapar ao poder emocional desta música, abundantemente utilizada na televisão e no cinema (nomeadamente em *O Homem Elefante* de David Lynch).

Benjamin Britten (Lowestoft, Suffolk 1913 – Aldeburgh 1976) é outro compositor do século XX cuja música entrou no cânone permanente da vida musical, com obras como as óperas *Peter Grimes* e *The Turn of the Screw*, o *War Requiem*, *Les illuminations* ou o célebre *Young Persons’s Guide to the Orchestra*, entre muitas outras.

Aluno de Frank Bridge e de John Ireland, Britten chamou a atenção do meio musical com a sua *Sinfonietta* em

1932 e firmou a sua reputação cinco anos depois com as *Variações sobre um tema de Frank Bridge*. Entre 1939 e 1942 viveu nos Estados Unidos, onde a sua *Sinfonia da Requiem* foi estreada no Carnegie Hall sob a direcção de Barbirolli. De regresso ao país natal, Britten instalou-se em Aldeburgh, na costa do Mar do Norte, aí criando com o tenor Peter Pears (seu companheiro de toda a vida) um festival de grande reputação. Da sua produção vastíssima e multiforme, construída com o espírito laborioso do artesão-artista, a ópera ganharia especial destaque a partir do impacto internacional de *Peter Grimes* em 1945.

Britten sempre teve a preocupação de escrever para um vasto público, sem por isso sacrificar a qualidade. A sua produção, essencialmente tonal mas não “neoclássica”, pretende, mais do que reencontrar cânones do passado, criar uma nova tradição a partir dessas raízes – o que, no caso do Reino Unido, foi decisivo para dar à música do país um estatuto universal que ela perdera desde a morte de Henry Purcell em 1695.

A *Simple Symphony* – “Sinfonia Simples” – foi escrita em 1934 a partir de temas de peças que Britten escrevera entre os nove e os onze anos. Prato forte de todas as orquestras de cordas do mundo, é uma sinfonia miniatura, saudável e cheia de humor, mas que não deixa de ter um *pathos* lancinante no terceiro andamento, *Sentimental Sarabande*. Os títulos dos restantes andamentos falam por si: uma “*Bourrée* Tumultuosa” (a *bourrée* é uma dança francesa do século XVII; “*boisterous*” não tem equivalente exacto em português, é algo como “ruidosamente alegre”), um “Pizzicato Jocososo” e um “Final Folgazão”.

Pedro Neves

maestro

A personalidade artística de Pedro Neves é marcada pela profundidade, coerência e seriedade da sua interpretação musical, destacando-se desta forma como um dos mais promissores maestros portugueses da actualidade. Nascido em Águeda, em 1975, o seu percurso musical iniciou-se no conservatório da cidade de Aveiro, onde estudou violoncelo com a Prof.ª Isabel Boiça. Mais tarde ingressou na Academia Nacional Superior de Orquestra, em Lisboa, na classe do Prof. Paulo Gaio Lima, onde concluiu o grau de bacharelato em 1996. No mesmo ano obteve uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian para aperfeiçoamento artístico com o Prof. Marçal Cervera, na Escola de Música Juan Pedro Carrero, em Barcelona, onde se manteve até 1999. Paralelamente, frequentou *masterclasses* com Maria de Macedo, Paulo Gaio Lima, Daniel Groscurin, Marçal Cervera e Anner Bylisma.

Como violoncelista participou em diversas formações, das quais se destacam a Orquestra Portuguesa da Juventude, a Orquestra de Jovens do Mediterrâneo e a Orquestra de Jovens de Baden-Wuttenburg. Entre 1999 e 2005 integrou a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Apresentou-se em digressões por Espanha, França, Alemanha, Brasil, EUA, Japão, Macau, Tailândia, entre outras.

Foi premiado nos concursos Juventude Musical Portuguesa e Prémio Jovens Músicos, e em 2005 foi-lhe atribuído o Judeu de Ouro, personalidade do ano, pela Anata-Portugal.

Pedro Neves interessou-se desde muito cedo pela direcção de orquestra, tendo começado o percurso de maestro em 1988 na Sociedade Recreativa e Musical 12 de Abril, sediada na sua terra natal e de que é director artístico desde 1992.

Paralelamente à sua actividade como violoncelista, estudou direcção de orquestra com o reconhecido pedagogo e maestro Jean-Marc Burfin na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde obteve o grau de licenciatura com elevada classificação. Em virtude do crescente desejo de se aperfeiçoar como maestro, Pedro Neves aprofundou os seus conhecimentos com Emílio Pomarico, em Milão, e frequentou *masterclasses* com Alexander Polishcuk.

Em 2006 e 2008 desempenhou a função de maestro assistente de Michael Zilm, na execução da *Sagração da Primavera* de Stravinsky, *Totenfeier* de Mahler e «Danças Sinfónicas» do *West Side Story* de Bernstein. Participou no festival de música contemporânea Warsaw Autumn 2008, na Polónia, na realização de *Hymnen* de Stockhausen.

Pedro Neves foi convidado para dirigir a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Nacional do Tejo, a Filarmonia das Beiras, a Orquestra de Câmara Portuguesa, a Orquestra do Algarve, a Orquestra Nacional do Porto e a Orquestra Esproarte, da qual foi maestro titular de 2004 a 2008 e com que mantém uma colaboração regular. No seu ainda curto percurso, já dirigiu solistas reconhecidos, como Pedro Meireles, Javier Perianes, Romain Garioud, Alina Pogoskina e Hrachya Avanesyan.

Pedro Neves é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e

maestro titular da Orquestra Clássica de Espinho, onde desenvolve um projecto com jovens músicos em início de carreira profissional, destacando-se na temporada de 2009 a interpretação da 3.ª Sinfonia de Gorecki, a 1.ª Sinfonia de Luís de Freitas Branco e a 5.ª Sinfonia de Chostakovitch. É fundador da Outrarte, associação musical multidisciplinar.

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Director Musical: Augustin Dumay

A Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML) estreou-se no dia 10 de Junho de 1992. Desde então, os seus músicos asseguram uma extensa actividade que compreende os repertórios barroco, clássico e sinfónico – integrando, neste último caso, os jovens intérpretes da Orquestra Académica Metropolitana. Esta versatilidade, com que também abrange a Música de Câmara, o Jazz e o Fado, a Ópera e a Música Contemporânea, tem-lhe permitido contribuir para a criação de novos públicos e consolidar o carácter inovador do projecto da Metropolitana, entidade que tutela esta orquestra, interligando a dimensão artística e a prática pedagógica das suas escolas – a Academia Nacional Superior de Orquestra, a Escola Profissional Metropolitana e o Conservatório Metropolitano de Música de Lisboa. Cabe-lhe, ainda, a responsabilidade de assegurar uma programação regular em várias autarquias da região centro e sul, para além de promover uma efectiva descentralização cultural do norte ao sul do país.

Desde o seu início, a OML afirmou-se como uma referência incontornável do panorama orquestral nacional. Além-fronteiras, apresentou-se em Estrasburgo e Bruxelas somente um ano após a sua criação, tendo desde então tocado em Itália, Índia, Coreia do Sul, Macau, Tailândia e Áustria.

Ao longo dos anos foi dirigida pelos mais importantes nomes da direcção orquestral portuguesa e por inúmeros maestros estrangeiros de elevada reputação, onde se incluem Arild Remmereit, Nicholas Kraemer, Lucas Paff, Joana Carneiro, Olivier Cuendet, Jean-Sébastien Béreau, Álvaro Cassuto, Marc Tardue, Cesário Costa, Brian Schembri, Manuel Ivo Cruz, Michael Zilm, Victor Yampolsky e, mais recentemente, Christopher Hogwood. Colaborou com grandes solistas como Maria João Pires, Augustin Dumay, José Cura, Monserrat Caballé, José Carreras, Artur Pizarro, Tatiana Nikolayeva, Elisabete Matos, Anabela Chaves, Pedro Burmester, Anne Queffélec, Irene Lima, Paulo Gaio Lima, Eric Stern, Gerardo Ribeiro e António Rosado. Mais recentemente, juntaram-se a este rol os nomes de Leon Fleisher, Natalia Gutman, Kiri Te Kanawa, Oleg Marshev, Pascal Rogé e Felicity Lott.

A OML já gravou dez CDs – um dos quais disco de platina – para diferentes editoras, incluindo a EMI Classics, a Naxos e a RCA Classics. O mais recente registo da orquestra apresenta árias de ópera célebres, com o maestro João Paulo Santos e as vozes de Dora Rodrigues, Luís Rodrigues e Mário Alves.

Desde a sua constituição, a Metropolitana foi presidida por Miguel Graça Moura, tendo esse lugar sido ocupado desde Novembro de 2003

até Novembro de 2008 por Gabriela Canavilhas. A actual direcção é constituída por Cesário Costa (Presidente), João Villa-Lobos e Paulo Pacheco (Vogais).



Alexandre Delgado

comentários

Alexandre Delgado nasceu em Lisboa em 1965 e estudou violino na Fundação Musical dos Amigos das Crianças.

Aluno de Joly Braga Santos entre 1981 e 1985, compôs aos 16 anos *Prelúdio para cordas*, estreado pela Orquestra Sinfónica da RDP em 1982. Prosseguiu os estudos de composição com Jacques Charpentier no Conservatório de Nice entre 1986 e 1989, tendo-se diplomado em 1990 com o 1.º Prémio.

Em 1992 obteve o Prémio João de Freitas Branco e recebeu encomendas de festivais do País de Gales e de Londres. A sua obra *Antagonia* para violoncelo solo foi seleccionada pelo júri da ISCM para os Dias Mundiais da Música

93, na Cidade do México. O seu *Quarteto de cordas* foi gravado pelo Quarteto Arditti (Etcetera, 2001).

É autor da ópera de câmara *O Doido e a Morte* (encomenda de Lisboa 94 - Capital Europeia da Cultura), cuja estreia dirigiu no Teatro Nacional de São Carlos em 1994 e no *Teather Am Halleschen Ufer* em Berlim, em 1997, obra que tem tido várias outras produções e que estará em cena no Teatro de Almada entre 15 e 27 de Maio de 2009. Em 2001 foi compositor convidado do Festival de Maastricht, onde foram executadas sete obras suas, e em 2007 estreou em Santiago de Compostela um quinteto encomendado pelo festival CAMERALIA 07. A sua ópera *A Rainha Louca*, cuja abertura orquestral foi executada no Rudolfinum de Praga em Abril de 2008, terá estreia mundial no Centro Cultural de Belém em Fevereiro de 2010.

Como violetista, estudou com Barbara Friedhoff e venceu o Prémio Jovens Músicos da RDP em 1987. Integrou a Orquestra Juvenil da Comunidade Europeia, onde tocou sob a direcção de Claudio Abbado (1988-1989) e foi membro da Orquestra Gulbenkian entre 1991 e 1995. Desde então é *free-lancer* como compositor e como intérprete, dedicando-se especialmente à música de câmara. Foi membro fundador do Quarteto Lacerda e integra actualmente o *Moscow Piano Quartet* desde 2005, com concertos no país e no estrangeiro. Fez recitais com piano em Paris e em Roma e gravou com Bruno Belthoise a *Sonatina* para viola e piano de Armando José Fernandes (Disques Coriolan, 2002). Actuou como solista com a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a

Orquestra de Extremadura e a Orquestra do Conservatório de Maastricht, tendo estreado o seu *Concerto para Viola e Orquestra* (2000) em Portugal, Espanha e Holanda.

Assina o programa *A Propósito da Música* na Antena 2 desde 1996 e é autor dos livros *A Sinfonia em Portugal* (Caminho, 2002) e *A Culpa é do Maestro* (Caminho, 2005), compilação da crítica musical que fez no *Diário de Lisboa* e no *Público* entre 1990 e 2000. Director artístico do Festival de Música de Alcobça desde 2002, é regularmente convidado como conferencista e comentador de concertos pela Fundação Gulbenkian. Organizou em 2005 o Festival Luís de Freitas Branco, que envolveu as principais instituições musicais portuguesas, tendo coordenado e co-assinado o livro *Luís de Freitas Branco* (Caminho, 2007), primeira obra de fundo dedicada ao compositor.

Camerata da Metropolitana

Primeiros Violinos

Ana Pereira (Concertino)
Adrian Florescu
Carlos Damas
Liviú Scripcaru
Luciana Cruz (Convidada)
Nuno Carapina (Convidado ANSO)

Segundos Violinos

Ágnes Sárosi
Eldar Nagiev
Daniela Radu
José Teixeira
Angela Nersesova
Elena Dmitrieva

Violas

Valentin Petrov
Irma Skenderi
Gerardo Gramajo
Andrei Ratnikov
Joaquim Rodrigues (Convidado)

Violoncelos

Peter Flanagan
Jian Hong
Ana Cláudia Serrão
Teresa Valente Pereira (Convidada)

Contrabaixos

Vladimir Kouznetzov
Linda Paulino (Convidada)

Metropolitana

Direcção

Cesário Costa (Presidente)
João Villa-Lobos (Vogal)
Paulo Pacheco (Vogal)

Produção

João Pires (Coordenador)
João Barradas (Secretário de Orquestra)
Artur Raimundo (Chefe de Palco)

Técnicos de Palco

Alberto Correia, Amadeu Mineiro, Luís
Alves e Mário Sousa

Próximo espectáculo

Eros + Revolta

O novo cinema japonês dos anos 60

Cinema Ter 12 a Dom 17 Maio
Pequeno Auditório · M16



O Vagabundo de Tóquio de Seijun Suzuki

Comissário: Augusto M. Seabra

Filmes legendados em inglês, excepto
O Enforcamento que será legendado em
português.

Terça-feira 12

18h30 *O Enterro do Sol* (Taiyo no
hakaba) de Nagisa Oshima, 1960

21h30 *Noite de Nevoeiro no Japão*
(Nihon no yonū tokiri) de Nagisa
Oshima, 1960

Quarta-feira 13

18h30 *Sobre as Canções Brejeiras*
Japonesas (Nihon shunka ko) de Nagisa
Oshima, 1967

21h30 *As Termas de Akitsu* (Akitsu
Onsen) de Yoshishige Yoshida, 1962

Quinta-feira 14

18h30 *A Mulher-Insecto* (Nippon
konchuki) de Shohei Imamura, 1963

21h30 *Intenção de Matar/Desejo*
Profano (Akai Satsui) de Shohei
Imamura, 1964

Sexta-feira 15

18h30 *Go, Go, Second Time Virgin*
(Yuke yuke nidome no shojo) de Kôji
Wakamatsu, 1969

21h30 *O Funeral das Rosas* (Bara no
Soretsu) de Toshio Matsumoto, 1969

Sábado 16

15h30 *A Porta da Carne* (Nikutai no
mon) de Seijun Suzuki, 1964

18h30 *Elegia da Luta* (Kenka erejii)
de Seijun Suzuki, 1966

21h30 *O Vagabundo de Tóquio* (Tokyo
nagaremono) de Seijun Suzuki, 1966

Domingo 17

15h30 *Duplo Suicídio em Amijima*
(Shinju ten no Amijima) de Masahiro
Shinoda, 1969

18h30 *O Enforcamento* (Koshikei)
de Nagisa Oshima, 1968

21h30 *Eros mais Massacre* (Erosu Purasu
Gyakusatu) de Yoshishige Yoshida, 1969

Os portadores de bilhete para o espectáculo
têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Carmo Rolo

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Filipa Ferro estagiária

Patrícia Paixão estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

METROPOLITANA